

Sarney - Viagem
**Até garçom
tem regalia
diplomática**

Na comitiva que acompanhou o presidente José Sarney a Paris em julho, para festejar o bicentenário da Revolução Francesa, havia 60 portadores de passaporte diplomático, um documento especial que dá imunidades como dispensa de fiscalização em alfândegas e só pode ser usado por autoridades de altíssimo escalão. Entre os 60 portadores do documento, entretanto, estavam garçons, seguranças, jornalistas, amigos do presidente e até a dama de companhia de Marly Sarney, Cantídia Cardoso Soares.

Os números e os tipos de passaportes usados pela comitiva foram divulgados pela Casa Militar — responsável pela organização das viagens presidenciais — em resposta à ação popular movida pelo deputado Álvaro Valle (PL-RJ) em julho. Valle processou todos os dados que recebeu em um micro computador e montou um dossiê de 72 páginas sobre a viagem a Paris.

“Ainda falta esclarecer muita coisa”, contou o deputado. Entre elas, a expedição destes passaportes. Pelo Decreto 8.454, de 11 de março de 1980, os passaportes diplomáticos só podem ser emitidos pelo Ministério das Relações Exteriores e pelas embaixadas brasileiras. Valle vai querer saber como pessoas sem os requisitos legais puderam obter o documento. “Precisamos saber, também, porque foi o Ministério das Relações Exteriores quem pagou muitas das despesas desta viagem, que eram de responsabilidade do Palácio do Planalto” — disse o deputado.

Ele avaliou que os dados da Casa Militar estão incompletos e contraditórios. O número de pessoas da comitiva, por exemplo, não é preciso. “Foram 109 passageiros. Entre os que ficaram mais tempo em Paris e os novos que embarcaram somente na volta, teríamos 127. O Governo, entretanto, declara que voltaram 115 passageiros — somou Valle.